

"Da longinqua selva araguaiana ... MUJETIRÉS" in BRASIL DOMINICANO,
Ano I, nº 4 , out./nov./dez. de 1953(pags. 18 a 20)

"Eis-nos de volta da 3ª expedição aos Xicris, ou mais exatamente aos 'Mujetirés' pois os Caiapós designam por êsse nome êsses índios dos quais procuramos nos aproximar. Tivemos desta vez pleno êxito, e conseguimos entrar em contacto com os índios. Aqui vai a narração de nossa viagem.

Partimos de Conceição a 29 de julho com três rapazes...
(...)No dia seguinte, 8 de agosto, festa da Bem-aventurada Joana d'Aza, muito cedo já estávamos prontos para a nossa última investida. Depois de aproximadamente três horas de marcha, seguindo o nosso 'corte', isto é a pista assinalada apenas por arbustozinhos cortados, encontramos vestígios recentes dos índios, que por ali deviam ter passado há uns dois ou três dias. Eram mais ou menos dez e trinta, quando demos com 'o caminho dos índios', como nós o batisamos, isto é o atalho batido que leva às roças. A floresta nesse lugar, embora densa, apresenta alguns claros, o que permitiu a Frei Gil tirar fotografias, e particularmente a de um tronco de 1m50 de diâmetro, cortado com muita habilidade. Estávamos a apenas alguns minutos do primeiro grupo de 'casas'. Nosso guia Raimundo ia à frente, com a espingarda a tiracolo. Aconselhamos a êle que tirasse a arma e a deixasse escondida na floresta; o que êle fêz, enquanto nós pegávamos um presente em cada mão, e continuávamos a nossa marcha normalmente, não dando a impressão de gente que quer se esconder. Demos mais uns vinte passos, ainda um pouco encobertos pelas árvores, e avistamos bem perto, no próprio terreno da aldeia, uma choupana com três rêdes, nas quais três índios deitados se balançavam. Dois rapazinhos índios --- tendo um dêles ainda na mão o mutum que acabara de flexar --- descreviam certamente a sua caçada.

Continuamos a avançar, um atrás do outro, e de repente ressoa um grito! Um índio viu-nos ... os outros respondem, num instante os homens apanham seus maços de flexas e os põem debaixo do braço. Um grupo de índios foge em direção da segunda aldeia, outro foge pelo caminho das roças. Os mais valentes afastam-se olhando para trás... a

essa fuga respondemos avançando sempre. Frei Gil e o nosso guia adiantam-se com os braços estendidos, mostrando os presentes e gritando : "Amigo, bom, pega" . Nós os acompanhávamos, gritando também. Assim chegamos ao terreiro, no centro da antiga aldeia, queimada pelos índios. Êstes devem ter reconhecido o hábito de São Domingos (pois embora não se tenham mostrado nas nossas duas visitas anteriores, certamente nos terão visto e espreitado) e agora param... Nós nos aproximamos ainda mais, atirando-lhes os presentes, e gritando sempre : "bom, amigo! ..." . Êles continuam parados ; tiramos então mais presentes de nossos sacos, e chegamos cada vez mais perto. Aquele que parece ser o chefe está a dois passos. Apertamos-lhe a mão, mas êsse gesto não parece exprimir para êle nenhum sentimento de amizade ... quando muito, de confiança. É um belo índio, grande, de ombros largos, jovem ainda, risonho, e seguro de si ; fala pouco, mas sorri... Tenho no meu bôlso duas caixas de fósforo, dou-lhe uma ; depois abro a outra, tomo um pedaço de papel, risco um fósforo e acendo-o. Diante disso, um índio de mais ou menos 18 anos, recua assustado, e tomado de mêdo não quer aceitar o meu presente ; é o chefe que recebe também a segunda caixa de fósforos.

Estavam ali dois velhos; um sorridente e amável; o outro, carrancudo, parecia dizer aos companheiros : 'cuidado! não sabemos o que essa gente nos prepara! ...' . Um dêles, mostrando Frei Gil com o dedo, fêz um pequeno discurso aos outros. Estaria êle dizendo que reconhecia o Frade, e que nós éramos gente amiga? Mistério! Doze índios ali tinham ficado e uns trinta tinham fugido; entre êles uma mulher, que, à nossa chegada, correu com o filho debaixo do braço.

Tudo se passou num instante : vinte minutos, ou meia hora no máximo. Alguns índios, com mêdo de se aproximar faziam-nos sinal para largarmos no chão nossos presentes. Desde o comêço de nosso encontro, nosso intérprete Caiapó procurava atentamente compreender alguma palavra, mas em vão. Frei Gil, por seu lado, dizia palavras em Caiapó, Tapirapé, Carajá sem resultado, porém. Foi-nos impossível

entender a linguagem dos Mujetirés.

Vendo que não tínhamos mais nada para distribuir, nossos novos amigos começaram a se retirar. Querendo trazer uma lembrança de nossa visita, arco ou flexas, mostramos com o dedo as armas desejadas, estendendo a mão com gesto significativo... mas parece que nossos amigos não compreendiam o que ambicionávamos. Seus arcos e flexas são curtos, e algumas flexas têm a ponta de ferro. Eles possuem também a lança e a borduna (tacape). Os 'Mujetirés' são de tamanho médio, fortes, de pele mais clara do que escura; têm cabelos longos, traços finos e não rudes e selvagens como as feições dos Caiapós. Não furam o lóbulo da orelha, e, dos índios que vimos, apenas um --- o que parecia ser o chefe --- tinha o lábio inferior guarnecido de um pequeno enfeite.

À medida que se retiravam afastando-se, os índios faziam-nos sinal mostrando-nos a direção da segunda aldeia. Estariam nos convidando para acompanhá-los? É provável... mas não era prudente.

Assim nos separamos, 'dando adeus' de lado a lado, e nós, agradecendo ao Senhor e felicitando-nos por têmos enfim entrado em contacto com êsses índios, pelos quais Frei Gil tanto tem feito. (...)